

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

**D**o Irã todo mundo espera filme bom, como comprovou a Palma de Ouro confiada a Jafar Panahi por “Un Simple Accident”, no último sábado, já do Iraque... Por conta dos conflitos contra os Estados Unidos, em especial o embate envolvendo o Kwait nos anos 1990, pouco se vê (ou se conhece) da produção audiovisual iraquiana, o que tornou a passagem do filme “The President’s Cake” pela mostra Quinzena de Cineasta do recém-encerrado Festival de Cannes primeiramente uma iguaria e, depois, uma certeza de excelência.

Coube a ele o cobiçado troféu Caméra d’Or, espécie de Palma para estreantes. Seu diretor, Hasan Hadi, recém-chegado ao formato dos longas-metragens, foi recompensado ainda com a láurea de júri popular da Croisette. Venceu por uma narrativa que mistura algo do “era uma vez...” típico das fábulas com um neorealismo de raiz. Faz lembrar “O Balão Branco” (1995), do já citado Panahi, pela sua matriz de heroína infantil, mas não se agarra a eixos etnográficos, como o cult supracitado fazia. O que vemos é uma nação imersa no medo pelos olhos de uma criança.

“Ao retratar a miséria, eu não faço um simbolismo proposital”, disse Hadi ao Correio da Manhã. “Entre a fábula e o naturalismo, existe uma jornada”.

Com considerável experiência no posto de montador, Hadi dirigiu antes o curta “Swimsuit”, que estreou no Festival de Varsóvia de 2021. Ele cresceu no sul do Iraque e, já adulto, trabalhou em jornalismo, antes de se tornar professor adjunto no Programa de Pós-Graduação em Cinema da New York University. Recebeu o Gotham-Marcie Bloom Fellowship, o Black Family Production Prize e o Sloan Foundation Production Award. É bolsista do Sundance Lab 2022 e conquistou, a partir de Nova York, meios



*A garotinha Lamia atravessa o Iraque na companhia de seu galo de estimação atrás de ingredientes para um bolo em ‘The President’s Cake’, que acaba de render o Caméra D’Or de Cannes para seu realizador Hasan Hadi*

# Guloseima de Saddam Hussein

Pouco visto em festivais e em circuito, o Iraque ganha prêmios e prestígio em Cannes graças ao êxito da aventura ‘The President’s Cake’, que pode fazer carreira para o Oscar

para filmar “The President’s Cake”. “É uma história que passa pelas minhas memórias de garoto”, disse o realizador.

Sua protagonista é Lamia (Banin Ahmad Nayef), uma estudante de 9 anos que precisa cumprir a tarefa imposta por sua escola: preparar um bolo. Não se trata de um bolo qualquer. É um bolo de aniversário para...

Saddam Hussein (1937-2006), o então líder de sua pátria. Estamos no início dos anos 1990, na era Bush (pai), e está chegando o dia 28 de abril, data em que o Iraque era obrigado (por lei) a celebrar o aniversário de seu governante, como se fosse uma festa cívica. Em meio a essa comemoração, Lamia, que é paupérrima, tem que fazer o tal doce do título (e

com recheio de creme) para levar para o colégio. Se não o fizer (e bem), cairá em desgraça. O problema é que ela não tem dinheiro para os ingredientes e sua responsável, uma avó cheia de retidão (Waheed Thabet Khreibat), tampouco pode ajudá-la. Começa aí uma travessia acachapante em busca de açúcar, fermento, farinha e ovos, numa dinâmica de

ação que conversa frontalmente com as cartilhas de Hollywood, apesar de o ambiente diante de nós sugerir geografias distintas das que os grandes estúdios retratam.

Lamia tem dois aliados: o amigo de escola Saeed (Sajad Mohamad Qasem) e seu galo de estimação. Carrega o bicho por onde vai e percebe que todos os aviários da região almejam se apoderar da ave. O que se vê nessa operação culinária é um microcosmos da opressão, tanto a interna (de Saddam) quanto a externa, por bombas que explodem aqui e a ali.

“É a travessia de duas crianças num ambiente de pobreza”, disse o cineasta, que saiu da Croisette cercado de chances de ter seu filme entre os concorrentes ao Oscar.

Antes de seu “The President’s Cake”, conhecia-se o cinema iraquiano pelo trabalho de Abbas Fahdel (“Retour à Babylone” e “Homeland - Iraq Year Zero”) e por Mohamed Al-Daradji, que arrebatou a Berlinale, em 2010, com “Filho da Babilônia”. Outro nome respeitado, egresso de Bagdá, foi Mohamed Shukri Jameel (1937-2025), famoso por “King Ghazi of Iraq” (1993).